

Degelo favorece os arrependimentos

NELSON FRANCO JOBIM
Correspondente

LONDRES – A Igreja Católica arrepende-se publicamente dos pecados da Inquisição. O presidente dos Estados Unidos pede perdão por experiências científicas feitas nos anos 40 em prejuízo da saúde e da vida de cidadãos americanos. A Suíça se penitencia por ter negado asilo a pelo menos 40 mil judeus durante a Segunda Guerra Mundial e os bancos suíços fazem um acordo para compensar as vítimas do Holocausto, por terem guardado o ouro roubado pelos nazistas. O Japão se desculpa pela invasão de países vizinhos nos anos 30 e 40 e por brutalidades cometidas por soldados de seu exército na Ásia. O presidente Carlos Menem lamenta as mortes de britânicos e argentinos na Guerra das Malvinas. A Comissão Verdade e Reconciliação da África do Sul exige o reconhecimento público dos crimes e o arrependimento em troca de anistia.

Em meio ao degelo das relações internacionais na era pós-Guerra Fria e ao fim de diversos conflitos regionais, uma onda de pedidos de desculpas e declarações de remorso por crimes de guerra e massacres apresenta-se há algum tempo como instrumento para reparar injustiças históricas e consolidar processos de

paz. “Talvez seja um reflexo da crescente importância dos direitos humanos nas relações internacionais”, observa o professor Paulo Wrobel, pesquisador convidado do Instituto Real de Relações Internacionais, de Londres.

O papa João Paulo II anunciou um reexame do papel da Igreja na Inquisição, propondo uma revisão geral das injustiças históricas. Wrobel lembra que o papa já pediu perdão 94 vezes por diferentes motivos: “É um processo evolutivo. Primeiro, a Igreja admitiu o erro de condenar Galileu, depois pediu desculpas pelas cruzadas, aos judeus, e agora por causa da Inquisição.”

Tragédia – A Alemanha é o exemplo mais forte de um país arrependido – no caso, pela tragédia que provocou na Segunda Guerra Mundial. Diante da ocupação do país pelos aliados vitoriosos (União Soviética, EUA, Grã-Bretanha e França), “a Alemanha foi forçada a se desnazificar”, recorda Wrobel. “Mas a França varreu seu passado colaboracionista para baixo do tapete. O primeiro carrasco nazista condenado na França foi Klaus Barbie, o carniceiro de Lyon, mais de 40 anos depois do fim da guerra. A Áustria, de onde as forças de ocupação soviéticas só saíram em 1955, nunca pediu desculpas. E os países da Europa Oriental que ficaram na esfera soviética conti-

nuaram com o anti-semitismo.

Diversos fatores influíram no arrependimento dos derrotados em 1945, como a presença de forças de ocupação e seu papel na Guerra Fria. Os criminosos japoneses julgados pelo Tribunal de Tóquio que não foram condenados à morte tiveram suas sentenças reduzidas depois do fim da ocupação americana, em 1952. Sob pressão dos grupos de extrema direita que negam os crimes de guerra, e temendo uma avalanche de pedidos de indenização, o Japão lamentou os erros cometidos. Mas só pediu desculpas oficialmente para as mulheres obrigadas a manter relações sexuais com seus soldados. Depois da ocupação da Manchúria em 1931 e da China em 1937, de 1941 a 1945 o exército do Japão tomou todo o Sudeste asiático a pretexto de “libertar os povos da região do domínio colonial britânico, francês e holandês”.

Durante a Guerra Fria na Ásia, além dos milhões de mortos nas guerras da Coreia e do Vietnã e na revolução chinesa, pelos quais ninguém pediu perdão, o exemplo mais notório é o do ditador cambojano Pol Pot. Seu regime matou entre 1 e 3 milhões de pessoas de 1975 a 1979. Localizado no meio da selva no ano passado, Pol Pot atribuiu a matança à “luta revolucionária”. Os EUA pediram

desculpas por experiências realizadas com drogas, doenças e radioatividade em seu próprio povo, mas não pelos bombardeios do Laos ou do Camboja, que eram neutros no conflito do Sudeste asiático. A Turquia nunca admitiu responsabilidade pela morte de 1,5 milhões de armênios em 1915.

Reconciliação – Com o fim da Guerra Fria e de diversos conflitos ideológicos, a criação de comissões de verdade e reconciliação surgiu como uma fórmula de esclarecer o passado. O exemplo mais inspirador é o da África do Sul. Na semana passada, o presidente da comissão, o arcebispo Desmond Tutu, entregou os cinco volumes sobre os crimes do apartheid e da luta contra o regime segregacionista sul-africano. Muitas figuras ilustres – notadamente os ex-presidentes Pieter Botha e Frederick de Klerk, Winnie Mandela, ex-mulher do presidente Nelson Mandela, e o chefe zulu Mangosuthu Buthelezi – negaram-se a pedir perdão por seus crimes. As páginas referentes ao ex-presidente De Klerk foram suprimidas à última hora para evitar uma ação judicial.

A Comissão Verdade e Reconciliação da África do Sul pode ter descoberto muitas verdades, mas ficou longe da pretendida reconciliação. Sem dúvida, foi um avanço num continente marcado por tragédias, golpes

militares e massacres. O imperador Bokassa, da atual República Centro-Africana, morreu de câncer. Idi Amin está exilado num país árabe e seu filho comanda uma força irregular de ugandenses na guerra civil no Congo.

Na América Latina, só El Salvador e Guatemala buscaram, como os sul-africanos, a reconciliação através da verdade. Na Argentina, no Chile e no Brasil, foram formadas comissões para investigar o destino dos desaparecidos, e os argentinos condenaram (depois indultando) os chefes das ditaduras militares, mas ninguém pediu perdão pelas guerras sujas que mancharam o continente desde a intervenção militar apoiada pelos EUA na Guatemala em 1954 até a pacificação deste país, o penúltimo a tentar virar a página da Guerra Fria.

País mais pobre e torturado do continente, o Haiti tem dois ex-ditadores no exterior. Raoul Cedras é comerciante no Panamá; Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, teria consumido toda a sua fortuna e viveria escondido numa mansão no Sul da França. O Canadá, considerado um exemplo de democracia, liberdade e tolerância, decidiu devolver 21% de seus 9,2 milhões de quilômetros quadrados aos esquimós, acompanhados de um pedido de perdão.

“O PASSADO NEM MESMO É PASSADO” (Faulkner)

AFP – 16/5/1997

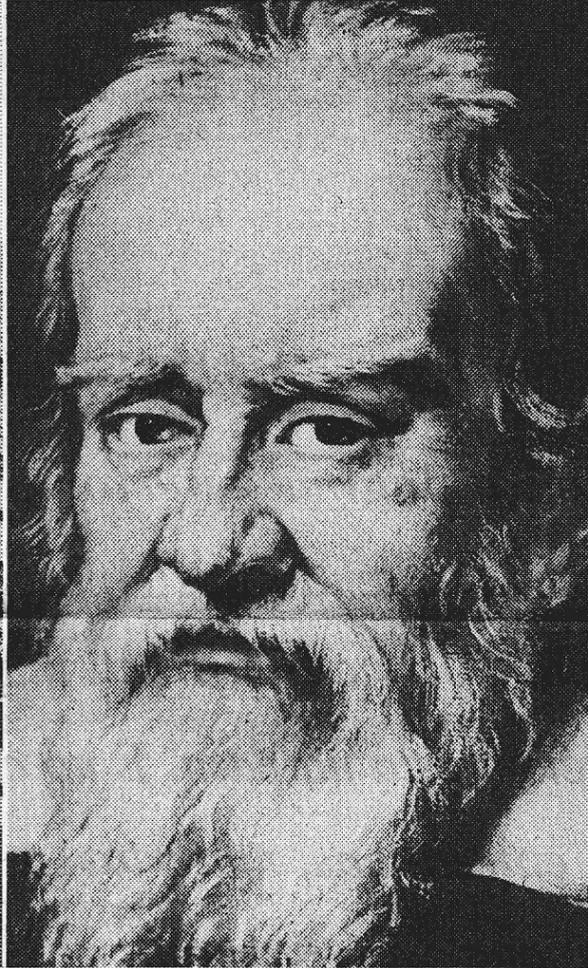


JANEIRO DE 1997: O chanceler alemão Helmut Kohl e o primeiro-ministro tcheco Vaclav Havel assinam um documento de reconciliação, no qual a Alemanha lamenta a anexação da região dos Sudetos por Hitler, em 1938, e a República Tcheca, a expulsão violenta de 3 milhões de alemães dos Sudetos em 1945.
MARÇO DE 1997: O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, pede desculpas oficiais

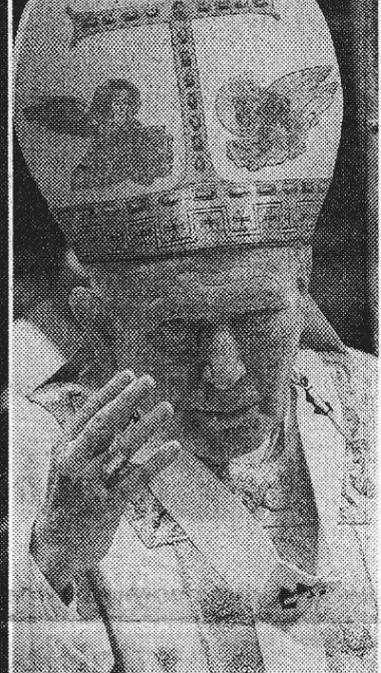
aos parentes de 18 pessoas que nos anos 40 e 50 receberam sem saber injeções de urânio, numa experiência científica patrocinada pelo governo.
MAIO DE 1997: Clinton desculpa-se pela chamada experiência Tuskegee: ao longo de várias décadas, centenas de negros americanos serviram de cobaia em experiências sobre sífilis, acreditando que estavam sendo tratados.

JUNHO DE 1997: Tony Blair, primeiro-ministro britânico, reconhece que Londres “relegou” o povo irlandês durante a Grande Fome (1845-49), que matou 1,5 milhão de pessoas.
AGOSTO DE 1997: Durante as comemorações do centenário do sionismo, a presidenta do parlamento suíço, Judith Stamm, afirma que seu país “quer corrigir os erros co-

Arquivo



Arquivo



AP – 1/1/1998

Da esquerda para a direita: Clinton se desculpa com negro americanos que serviu de cobaia em experimentos científicos de sífilis; a Revolução Bolchevique, pela qual Boris Yeltsin se desculpa; Galileu Galilei, um dos 94 motivos pelos quais o papa João Paulo II já pediu desculpas

metidos”, qualificando de ato “indesculpável” a aposição de uma letra “J” aos passaportes de cidadãos judeus durante a guerra.
OUTUBRO DE 1997: Durante um simpósio sobre o anti-judaísmo, o Vaticano faz uma autocrítica sobre a responsabilidade dos cristãos no anti-semitismo; sete meses antes, o colunista de religião do *Corriere della Sera* publicara um livro contabili-

zando em 94 os pedidos de perdão feitos até então por João Paulo II.
NOVEMBRO DE 1997: O presidente da Rússia, Boris Yeltsin, marca o octogésimo aniversário da Revolução Bolchevique qualificando-a de “erro histórico fatal”; pede à população que “compreenda” e “perdoe” e anuncia a construção de um monumento às vítimas, “brancos e vermelhos”.